

Formação de professores de Língua Materna: práticas de leitura de jornal na sala de aula

Maria Antonia Granville
IBILCE/UNESP
São José do Rio Preto,SP

Resumo:

Neste estudo, expõem-se os resultados de um trabalho realizado junto a oito professoras de língua materna do ciclo II do ensino fundamental (de 5^a. a 8^a. série), duas coordenadoras pedagógicas e uma supervisora de ensino, vinculadas à Secretaria Municipal de Educação (SEME) de uma cidade da região de São José do Rio Preto, SP. O estudo teve como objetivos principais conhecer as práticas de leitura de jornal desenvolvidas em sala de aula pelas professoras, dar-lhes embasamento teórico para esse trabalho junto aos alunos e sugerir-lhes algumas estratégias de leitura com esse gênero textual. As reuniões com as participantes estenderam-se de março a dezembro de 2005, mensalmente, e foram realizadas no Departamento de Educação da UNESP de São José do Rio Preto, SP. Os resultados apontaram para: 1- uma acentuada falta de embasamento teórico das envolvidas, tanto no que se refere a crenças e práticas obsoletas quanto ao ensino de leitura; 2- insuficiência de conceitos sobre esse processo, principalmente os relacionados a seus aspectos cognitivos; 3- pouco preparo das participantes para um trabalho, em sala de aula, com gêneros textuais, em especial, com o jornalístico, redundando, conseqüentemente, em práticas de leitura desmotivadoras e pouco proveitosas quanto às matérias jornalísticas trabalhadas em aula; 4- sérias e preocupantes lacunas na área de formação específica das participantes, o que enseja criteriosa reflexão sobre o professor de língua materna que as universidades estão formando.

1-Objeto de pesquisa:

As práticas de leitura de jornal, desenvolvidas, em sala de aula, por um grupo de oito professoras de duas escolas públicas municipais, que participam de projetos de formação continuada de professores, no Departamento de Educação da UNESP de São José do Rio Preto, SP, são objeto desta pesquisa. Por meio dessa análise, procurou-se identificar concepções de leitura e tipologia textual, crenças subjacentes nas leituras de textos jornalísticos propostos aos alunos e estratégias mais comuns ou freqüentes nas práticas das participantes e como essas variáveis influenciaram suas práticas docentes

2-Objetivos:

O estudo desenvolvido teve como objetivos:

2.1. Gerais: a) conhecer práticas de leitura de professores de ensino básico(cicloII);b) pesquisar algumas concepções sobre leitura, tipologia textual, crenças sobre leitura e ensino de língua materna, subjacentes nos procedimentos didáticos analisados;

2.2. Específicos: a) conhecer o trabalho de leitura de jornal desenvolvido pelas professoras participantes; b) informar-se a respeito de temas/assuntos focalizados por elas na leitura de jornais; c)conhecer as estratégias de leitura para compreensão do texto jornalístico trabalhado por elas junto aos alunos;d) depreender concepções e crenças de leitura(em especial, as do jornal) latentes na amostra estudada.

3- Pressupostos teóricos:

Kleiman(2001), ao tratar da concepção escolar de leitura,faz alusão às práticas legitimadas pela escola e concretizada por um número bastante representativo de professores de língua materna.

Com efeito, quem se nos detiver a observar essas práticas, constatará que a maioria reproduz aquelas presentes nos manuais de leitura,livros didáticos e apostilas adotados por um número expressivo de escolas brasileiras: motivação, leitura silenciosa, com pesquisa sobre o vocabulário desconhecido pelo aluno,leitura em voz alta(geralmente,efetuada pelo professor ou por alguns alunos convidados a fazê-la),perguntas(superficiais) referentes ao texto e atividades de reescrita(se for um texto narrativo, costuma-se solicitar uma reescrita com um final diferente) e exercícios gramaticais normativos, aproveitando-se de algumas passagens ou frases extraídas do texto lido.Segundo Kleiman, são práticas que reduzem ou minimizam o valor do texto e o da leitura deste, por mais representativo que este e seu autor sejam, e nelas estão implícitas algumas concepções,como a de texto, por exemplo, entendido como um repositório de frases ou um conjunto de elementos gramaticais que devem ser trabalhados com os aprendizes, mas de acordo com as prescrições da gramática tradicional,ou,ainda, a crença de que o estudo de um texto tem como objetivo maior(quando não, único!) a identificação pelo aluno da mensagem do texto e das informações veiculadas por esse .

Com esses conceitos restritos e com essa visão incompleta sobre leitura, texto,contexto,linguagem e ensino de língua materna,não é de se admirar que esse processo fique bastante comprometido nas salas de aula da escola de educação básica,quer no cicloI (1^a. a 4^a. série),quer no II (5^a. a 8^a. série), estendendo-se até o ensino médio.Some-se a esese fatores o uso da leitura como mero instrumento de avaliação mensal ou bimestral, e essa incompletude aumentará ainda mais, a ponto de gerar séria rejeição e pouca receptividade por parte de alguns alunos que alegam taxativamente: "Não gosto de ler."

Quando se trata de um texto jornalístico, então, defrontamos com situações de ensino ainda mais lastimáveis: o uso desse gênero textual para, por exemplo, a criança compor um classificado ou para recortar palavras que se iniciem com determinadas letras e montar um cartaz.Será que se pode chamar a isso de leitura do jornal? "*Sabe-se que todo trabalho com textos de circulação social deve estar voltado para a a plena leitura e compreensão dele* (Marcondes et. al.,2003,p.13), o que implica ir além da identificação dos cadernos que o compõem,dos recursos gramaticais presentes nas notícias e manchetes veiculadas,da linguagem jornalisticamente trabalhada.A aproximação entre o leitor-aluno e o autor da notícia e/ou da matéria publicada,mediada

pelo professor, é um dos primeiros passos para que essa leitura plena, de que falam Marcondes e colaboradoras, possa efetuar-se. A este se sucedem outros, como a percepção de valores presentes no texto jornalístico, a articulação coerente entre o não verbal (fotos, gráficos) e o verbal (o texto escrito), a presença ou ausência de informações imprescindíveis à compreensão do texto enquanto um todo articulado, as estratégias de linguagem usadas pela equipe de jornalismo para veicular fatos e notícias, a diagramação de cada uma na primeira página do jornal impresso são “detalhes” que não podem passar em branco para o jovem leitor e devem ser trabalhadas por meio da ativação de alguns componentes cognitivos, como a percepção/observação, compreensão, memória seletiva, para que, gradativamente, ele possa chegar à análise, avaliação e síntese do objeto de leitura.

Trabalhamos, ainda, com o texto de Faria (1996) - “A leitura do jornal na escola: o fato e a versão” - que aponta alguns mitos e crenças de leitores com relação ao jornal, entre estes, o da sua imparcialidade e objetividade quanto aos fatos e notícias veiculados. Enfatizamos a necessidade de o professor ensinar ao aluno outras versões sobre o mesmo fato, para que, analisando-o sob diferentes ângulos, o jovem leitor possa optar por aquela que mais se aproxima da verdade ou da realidade, com relação ao ocorrido. Ainda focalizamos o trabalho de Marinelli (1999), intitulado “Os telejornais na sala de aula: sugestões para o ensino de português” e destacamos a necessidade de o professor aproveitar melhor a ampla penetração que os jornais televisivos têm nos lares brasileiros e a diversidade desse gênero televisivo discursivo para mostrar aos alunos como cada uma das emissoras de televisão trabalha a notícia, antes de levá-la ao ar, e como cada uma delas se serve de um estilo próprio de linguagem para divulgá-la.

Assim, com vistas a pesquisar se esses procedimentos de leitura, em especial, a do texto jornalístico, são colocados em prática na sala de aula do ciclo I do ensino fundamental, optou-se por um trabalho junto a professoras de 5^a a 8^a. série, que, desde 1997, desenvolvem projetos sobre leitura do jornal, um dos quais mantido por uma das mais conhecidas empresas jornalísticas da região de São José do Rio Preto.

4-Perguntas que nortearam a pesquisa:

- As práticas de leitura das professoras participantes têm ensejado a interação entre interlocutores do texto jornalístico?
- As professoras têm trabalho a linguagem do texto jornalístico? Como? Essa prática está direcionada para o estudo do uso intencional da linguagem jornalística pelo autor da reportagem ou matéria focalizada pela professora aos alunos?
- Como a professora ensina aos alunos-leitores a percepção e a finalidade das relações estabelecidas entre texto e imagem(ens), no caso do jornal impresso?

5-Metodologia: procedimentos de pesquisa e trabalho junto à amostra constituída:

Com esses propósitos, começamos a trabalhar, mensalmente, com as professoras que compuseram a amostra. Foram doze reuniões mensais, durante o ano de 2005, intercaladas com algumas visitas da autora às escolas parceiras, nesse período. Logo nos primeiros encontros, em conversa com as participantes, a relatora pôde perceber que lhes faltavam embasamentos sobre leitura e, de uma forma particular, sobre o texto

jornalístico impresso. Trabalhavam com o jornal, mas sem levar em consideração suas características textuais e sua linguagem, ocupando-se mais de sua estrutura : de quantos cadernos era composto, o que havia na primeira página, qual era a manchete daquela determinada edição e logo partiam para a produção textual, sendo a mais freqüentemente solicitada a elaboração de um anúncio de “Classificados”.

Em vista disso, a relatora propôs-lhes algumas leituras : a de um estudo de Farias(1996), intitulado “A leitura do jornal na escola: o fato e a versão”, em que a autora ressaltava algumas crenças de leitores mais ingênuos quanto ao jornal, como o mito da objetividade e imparcialidade com relação às notícias divulgadas, o do poder da imprensa, cultuado tanto pela mídia quanto pela população (é o chamado “Quarto poder”), gerado pelo jornalismo sensacionalista, por exemplo. Também foi indicada às professoras o texto de Kleiman-“A concepção escolar de leitura”, que se constitui no segundo capítulo do livro “Oficina de leitura”, da mesma autora, e o texto de Marinelli(1998), referente aos jornais televisivos, os que mais penetram em todos os lares, independentemente da condição econômica de cada um, e os de maior divulgação entre os leitores/telespectadores, e a sua rica diversidade enquanto gênero televisivo discursivo, que prima pelo verbal elaborado, cujos textos são escritos “segundo normas de estilo vigentes nas diferentes emissoras”(Marinelli, 1999:169).

Assim, a fim de aproveitar a penetração do jornal televisivo em quase todos os lares dos alunos das professoras participantes, iniciou-se o trabalho por ele, sugerindo-se às professoras que organizassem os alunos em grupos para que cada um deles assistisse, em dia antecipadamente combinado, ao telejornal, no horário das 19 às 21 horas, o denominado “Horário nobre”, com a recomendação para que anotassem o tempo aproximado em que a notícia permaneceu no ar, se houve ou não entrevistas e/ou tomadas de rua, pesquisa de opinião e/ou algum comentário de um dos apresentadores a esse respeito, solicitando-lhes que trouxessem essas anotações para a aula, a fim de serem discutidas por todos.

O objetivo específico dessa atividade não foi apontar este ou aquele telejornal como menos ou mais cuidadoso com o seu noticiário, e, sim, ensinar aos alunos a percepção e a análise sobre o tratamento diferenciado que uma mesma notícia recebe de emissoras diferentes.

Passou-se, então, ao jornal impresso, iniciando-se pelo jornal local (o que é editado por empresa jornalística da cidade de São José do Rio Preto e circula em toda a região). Como o jornal possui um encarte voltado para o público infanto-juvenil, iniciou-se com este, comparando-o com o de um dos jornais de maior circulação no estado de São Paulo. Em seguida, passou-se a um jornal maior tiragem, cotejando o local/regional com o de amplitude estadual/nacional, estabelecendo-se diferenças e semelhanças entre ambos e atentando-se para a linguagem e estilo próprios de cada um. Neste aspecto, analisaram-se recursos lingüísticos usados no título das manchetes, no subtítulo das notícias, a freqüência dos temas focalizados, as fotos que porventura as acompanhavam e a postura do jornal ante um fato divulgado.

Como atividades práticas, sugeriu-se às professoras que propusessem aos alunos a produção de uma nova notícia, a partir de uma das analisadas por eles, e a produção de um jornal impresso, com temas gerados na própria comunidade escolar.

Outrossim, recomendou-se que, em termos de leitura do jornal impresso, discutissem, mais demoradamente, as manchetes e notícias levadas propostas por elas aos alunos e,

ao trabalharem com os cadernos do jornal, que passassem instruções mais claras e objetivas aos alunos, como, por exemplo:

1-Anote o número de páginas que o jornal dedica a cada um dos cadernos: esporte, lazer, turismo, economia, política, comércio e indústria, cotidiano e outros.

2- Na notícia da página X do caderno Y, quais as conseqüências da ação praticada por Y, tanto para ele como para as pessoas atingidas por ele?, ou, ainda: Em que estado ou situação se encontram o autor e as pessoas atingidas por ele? Comprove sua resposta, lendo ou copiando, no caderno, um trecho retirado da própria notícia.

3-Abra o caderno sobre noticiário nacional e conte e anote o número de notícias sobre o Brasil. Em seguida, vá ao caderno sobre notícias internacionais e conte o número de notícias sobre outros países. Quais as que aparecem em maior número: as referentes ao Brasil ou as referentes a outros países? Justifique sua resposta com as anotações feitas por você.

4-No caderno sobre notícias locais, os assuntos sobre esta cidade são tratados com apoio total ao prefeito, com críticas pesadas à administração municipal ou com imparcialidade: o jornal nem fala bem, nem mal da administrador da cidade. Apenas nos apresenta os fatos e as reivindicações da população. Justifique sua resposta e comprove-a com uma passagem ou trecho do noticiário local.

Solicitamos, também, às professoras que trabalhassem mais a força semântica das manchetes e a intencionalidade da escolha lexical realizada pela equipe de redação de cada um dos jornais levados por elas para a sala de aula.

6-Resultados:

Por meio do estudo realizado, pôde-se conhecer melhor o trabalho de leitura do texto jornal, realizado, em sala de aula, pelas participantes, bem como suas concepções sobre processo de leitura, leitura crítica, língua, linguagem, texto e produção textual. Outrossim, pôde-se constatar que lhes faltavam embasamentos teóricos sobre a dimensão cognitiva, a cultural e a social do processo de leitura, para que pudessem realizar, em sala de aulas, um trabalho com qualidade e a contento.

Com relação aos temas propostas aos alunos, constatou-se que predominavam os referentes ao cotidiano policial, e os sensacionalistas (estes, geralmente envolvendo atores e atrizes famosos, próprios de certos segmentos da mídia da brasileira, com alguns destaques a esportes e lazer. Aqueles voltados para a cultura, a política ou a economia eram pouco ou nada trabalhados, em sala de aula, pela amostra analisada, que preferia reservá-los aos alunos do ensino médio “por causa da redação do vestibular”, conforme palavras de uma das participantes a esta autora.

Quanto a crenças subjacentes nas práticas de leitura do texto jornalístico, predominou a do jornal como portador da verdade: o que este dissesse ou divulgasse, principalmente se essa veiculação fosse da autoria de um dos jornais de maior tiragem e circulação neste Estado, seria tomada como verdade inquestionável, absoluta. E esta postura estendia-se ao jornal televisivo, principalmente a um dos de maior índice de audiência no país.

Com posturas inflexíveis, concepções e conceitos limitados, práticas de ensino reproduzindo as do livro didático, crenças arraigadas e escassos conhecimentos, na área de formação específica, para se trabalhar, em aula, a leitura de textos de gêneros

diversificados,conforme a recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais(P.C.Ns.),não é de se estranhar que os alunos não estivessem lendo, compreendendo e desenvolvendo o senso crítico com relação aos textos propostos a eles.

Porém, a partir das reuniões efetuadas com as professoras participantes, começou a surgir um interesse maior pela leitura crítica do jornal(televisivo e impresso) e por mudanças na prática de trabalho com esse tipo de texto.Issso foi possível graças ao hábito que passou a ser cultivado por elas: o de retornarem, com maior freqüência, aos objetivos estabelecidos por ocasião do planejamento escolar para verificar se os estavam ou não atingindo e por quê e, ainda, à compreensão de que a leitura é um processo complexo, em que interagem fatores cognitivos,emocionais,políticos,culturais, a que o professor deve estar atento e levar em consideração, ao preparar atividades de leitura aos seus alunos, não se esquecendo de que cabe a ele aproximar os interlocutores desse processo: o autor de um texto proposto ao estudo e o aluno-leitor.

Dessa forma, as práticas de leitura foram, pouco a pouco, modificando-se e ganhando em qualidade,pois passaram a priorizar a ativação do conhecimento prévio dos aprendizes a respeito do tema/assunto apresentado pelo texto jornalístico e sua discussão com os alunos, analisando-o sob diferentes ângulos e trabalhando mais a linguagem desse gênero.

As leituras teóricas indicadas às participantes e com elas comentadas pela autora também trouxeram sua colaboração, complementando conhecimentos, desmitificando crenças, esclarecendo idéias confusas, ensejando a aquisição de conceitos indispensáveis aos que trabalham,na escola básica,com textos de tipologia diversificada,dando-lhes maior segurança e confiabilidade para a abordagem desse gênero textual e ensejando a continuidade da formação, em serviço, do Professor de Ensino Básico II (PEB II, de ensino fundamental e médio), em especial do professor de língua materna,conscientizando-o melhor quanto à sua responsabilidade e comprometimento na formação de leitores e cidadãos bem formados e bem informados.

7-Conclusão:

Como se pode depreender,as reuniões mensais com as professoras participantes, acompanhadas pelas coordenadoras pedagógicas e pela supervisora de ensino da Secretaria de Educação parceira nesse estudo, foram proveitosas para ambas as partes: para elas,que puderam conhecer algumas teorias e aplicar, em suas salas de aula, algumas sugestões de atividades com leitura de jornal(mesmo as que lecionavam em escolas mais carentes, isoladas ou rurais, acharam exeqüíveis as propostas apresentadas durante as reuniões mensais); para esta autora, essa convivência foi proveitosa, no sentido de que ela pôde inteirar-se melhor sobre as práticas de leitura em ação nas escolas das participantes e pôde comprovar algumas hipóteses sobre esses procedimentos didáticos e, principalmente, sobre as concepções referentes a texto, linguagem e leitura com que essa amostra trabalhava, com alunos de 5^a. a 8^a. série do ensino fundamental, o discurso jornalístico.

À guisa de conclusão, a autora gostaria de reproduzir, aqui, as palavras de uma das professoras participantes desse trabalho de formação continuada do professor de leitura:

Antes, trabalhávamos o jornal em sala de aula, mas eram atividades simples, de recortes de notícias ou manchetes que eram coladas em folha de sulfite ou cartolina para ser colocadas no mural de classe. Dizíamos que fazíamos a leitura do jornal, e havia, até, um projeto sobre isso na escola. Mas hoje vejo que não líamos o jornal com os alunos. Apenas passávamos os olhos sobre as páginas. Não sabíamos trabalhar com o jornal como hoje fazemos. Os alunos já conseguem se posicionar diante de um noticiário, discutem mais, argumentam, dão a sua opinião.

É o jornal cumprindo, assim, seu papel de informar e formar leitores críticos e educadores mais conscientes e comprometidos com a qualidade da educação no Brasil.

Referências bibliográficas:

FARIA, Maria Alice. Leitura crítica do jornal na escola: o fato e a versão. In: GREGOLIN, Maria do Rosário F. Valencise & Leonel, Maria Célia de Moraes (orgs.). *O que quer o que pode esta língua?* Araraquara, SP: Cursos de Pós-Graduação em Letras, FCL-UNESP-Ar, 1996, p.85-94.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura*. 8.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

MARCONDES, Beatriz; MENEZES, Gilda & TOSHIMITSU, Thaís. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.13.

MARINELLI, Vera Lúcia X. Os telejornais na sala de aula. In: LEFFA, Vilson José & PEREIRA, Aracy Ernest (orgs.). *O ensino de leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas, RS: Educat, 1999, p.164-184.